

A CRONOLOGIA DOS EMPRÉSTIMOS

A. G. CUNHA

Para determinarmos, com o devido rigor, o étimo imediato de uma palavra qualquer, é necessário, senão indispensável, conhecermos muito bem a sua história. A falta de um dicionário hipóteses, precisamente porque não se conhecem documentos históricos que as justifiquem. E' sabido que, de acôrdo com os critério das origens de uma grande parte do nosso vocabulário.

Das numerosas etimologias propostas para centenas de vocábulos portugueses, muitas ainda permanecem no terreno das hipóteses, precisamente porque não se conhecem documentos históricos que as justifiquem. E' sabido que, de acôrdo com os critérios científicos da filologia moderna, não basta indicar o étimo de uma palavra, mas é imprescindível fundamentá-lo.

A data da primeira ocorrência, nos textos, de determinado vocábulo, confrontada com a data do vocábulo estrangeiro proposto para étimo, é um dos pontos de partida para a fixação da sua procedência imediata.

No seu monumental **Glossário Luso-Asiático**, único dicionário português baseado em princípios históricos, Mons. Sebastião Rodolfo Dalgado retificou, — apoiando-se principalmente na abundante documentação que coligiu, da qual sacou copiosos abonos que ilustram os verbetes, — inúmeras etimologias anteriormente propostas.

Convém observar que, por vêzes, o vocábulo estrangeiro, que tem tôda a probabilidade de ser o étimo de uma palavra portuguesa, ocorre numa data posterior, ocorrência esta que nem sempre invalida a etimologia alvitrada. Não escasseiam exem-

plos comprovadores do que acabamos de dizer. A cronologia, à primeira vista, apresenta, pois, dados contraditórios. Dissemos à **primeira vista**, porque, na realidade, essa aparente **contradição** pode ser facilmente explicada, se nos lembrarmos de que muitas palavras antes de se documentarem em textos já ocorriam na linguagem falada.

Poderíamos aduzir numerosos exemplos de palavras portuguesas que se documentam em datas anteriores às dos respectivos étimos (1); neste artigo examinaremos, sucintamente, a história de uma delas: a **berlinda**.

* * *

A **berlinda** era uma carruagem de luxo, com quatro rodas e dois assentos, pouco mais estreita do que os coches .

O veículo foi idealizado pelo piemontês Felipe de Chiese, por volta de 1670, e construído em Berlim para Frederico Guilherme, eleitor de Brandeburgo. Em França recebeu a denominação de **berline**, em alusão ao nome da cidade onde fôra fabricado pela primeira vez.

Não há controvérsias quanto à origem imediata, quer do português **berlinda**, quer do espanhol e do italiano **berlina**, do inglês **berlin**, do alemão **Berline**, do russo **berlín**, etc.; concordam os etimologistas em considerá-los todos provenientes do francês **berline**.

Segundo o Dict. Général (2), Dauzat (3) e Bloch-Wartburg (4), o fr. **berline** ocorre pela primeira vez em 1721. Na mesma data já se nos depara o vocábulo no esp. com a forma **berlina** (5).

(1) Cp. port. **cnute** (**knout**: 1718) < fr. **knout** (1747) < russ. **knut**; port. **panduro** (1760) < it. **panduro** (1817) < húng. **pandúr** < serv.-cr. **pan-dur**; etc.

(2) *Dictionnaire Général de la langue française, du commencement du XVII^e siècle jusqu'à nos jours*, par Adolphe Hatzfeld et Arsène Darmesteter, avec le concours de Antoine Thomas. Paris (1892 - 1900); 9.^a ed., 2 vols., 1932, I, p. 225.

(3) *Dictionnaire étymologique de la langue française* par Albert Dauzat. Paris, 1938, p. 84.

(4) *Dictionnaire étymologique de la langue française*, par Oscar Bloch et W. von Wartburg. Deuxième édition refondue par W. von Wartburg. Paris, 1950 p. 66.

(5) Cf. J. Corominas, *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*. Madrid, 1954. (Em publicação). I, p. 445.

Em italiano talvez seja muito pouco posterior, pois já se documenta em obra da autoria de Niccolò Forteguerri († 1735) (6). Em inglês ocorre **berlin**, em 1731, a par da variante **berline**, de 1746 (7). Bem posterior é o al. **Berline**, o qual, segundo Schulz-Basler (8) e Kluge-Götze (9), data de 1791. O russo **berlín** ocorre na primeira metade do século XVIII (10).

Segundo Nascentes (11), no port. **berlinda** “talvez tivesse havido influência da palavra **linda** pela elegância da carruagem”. Não conhecemos nenhum abono antigo de **berlinda**; com esta grafia, porém, já a registrara no seu dicionário o lexicógrafo Moraes, em 1813 (12).

Berlina, que está mais próxima do étimo — o fr. **berline** — já se nos depara nos primeiros anos do século XVIII. Bluteau, que a não consignara no **Vocabulário**, incluiu-a, contudo, no **Suplemento** (13).

Numa interessante reiação (14) publicada em 1717, o Pe. Francisco da Fonseca narra, como um dos participantes, os principais acontecimentos ocorridos na viagem do embaixador português Fernando Teles da Silva, de Lisboa a Viena, na primeira

(6) Cf. DEI, p. 494 e A. Prati, **Vocabolario etimologico italiano**. Garzanti, 1951, p. 125.

(7) Cf. **The Oxford English Dictionary**, s. v. **berlin**.

(8) Hans Schulz-Otto Basler, **Deutsches Fremdwörterbuch**. 2 vols.: I (A-K), Strassburg, 1913; II (L-P), Berlin, 1942, I, p. 83.

(9) Friedrich Kluge-Alfred Goetze, **Etimologisches Woerterbuch der deutschen Sprache**. 15.º ed. (corrigida e ampliada), Berlin, 1951, p. 68.

(10) Cf. **Russisches etymologisches Woerterbuch** von Max Vasmer. (Em publicação). Heidelberg, 1950, I, p. 79.

(11) Antenor Nascentes, **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. 1.º e única edição. Rio de Janeiro, 1932, s. v. **berlinda**.

(12) Antonio de Moraes Silva, **Diccionario da lingua portuguesa**. 2.º ed. Lisboa, 2 vols., 1813, I, p. 278.

A 4.º ed. do dicionário de Moraes, publicada em 1831, com aditamentos de Teotônio José de Oliveira Velho, informa que a forma **berlinda** é a usual e que ela já ocorre no setecentista Pedro António Correia Garção († 1772). Fr. D. Vieira, no seu dicionário, alude, ainda, a António Dinis da Cruz e Silva († 1799), que a empregara também.

(13) Cf. **Suplemento** (1727), vol. I, pág. 127: “BERLINA. Carruagem de quatro rodas, quasi a modo de Forlaõ, com caixa entre dous varaes. Da Corte del-Rey da Prussia, que he **Berlin**, onde foy inventada, foy chamada **Berlina**”.

(14) **Embaxada do Conde de Villarmayor Fernando Telles da Sylva De Lisboa à Corte de Vienna...** Pello P. Francisco da Fonseca da Companhia de Iesu... Em Vienna, Na Officina de João Diogo Kürner, 1717.

década do século XVIII. Partindo de Haia, a caminho de Viena, em 18 de janeiro de 1708, embarcou a comitiva em carruagens, as quais, segundo informa o ilustre jesuíta, nestes países (na Holanda) se denominam **berlinas** (15).

Da documentação acima aludida, depreende-se que o vocábulo ocorre em português alguns anos antes do seu aparecimento em textos franceses. Observe-se, porém, que não podemos afirmar com segurança a prioridade da ocorrência do português **berlinda** (ou, antes, da antiga variante **berlina**), pois que a lexicografia francesa, apesar do seu grande adiantamento, ainda apresenta inúmeras lacunas. Não há para êste idioma um repositório tão rico como, por exemplo, o do **Oxford English Dictionary** para o inglês.

Em francês, **berline** deve ocorrer em data muito anterior àquela que indicam os seus dicionários.

* * *

Devido ao desaparecimento das carruagens de rodas de tração animal, os nomes que as designavam (berlina, caleça, coche, etc.) vão se tornando dia a dia menos conhecidos. Só um ou outro escritor contemporâneo os emprega, e, assim mesmo, referindo-se a factos ocorridos no passado. Deve notar-se, porém, que, se o vocábulo **berlinda** é hoje quasi desconhecido, o mesmo não se dá com as locuções **estar na berlinda**, **ficar na berlinda**, **sair da berlinda**, etc., ainda bastante populares.

Havíamos suposto que estas locuções se teriam originado do facto de a berlinda, pela sua beleza e custo elevado, constituir, no passado, um privilégio dos nobres e dos poderosos, e, por esta razão, sendo ela pouco vulgar, o povo, ao vê-la nas ruas, teceria comentários alusivos aos personagens que nela viajavam. **Estar na berlinda** equivaleria, portanto, muito bem, a “ser alvo de comentários”, “estar na ordem do dia”, etc.

Afigura-se-nos hoje mais provável, em vista da ocorrência de expressões equivalentes em italiano e em espanhol, a hipótese

(15) Cf. cap. VI, págs. 130-131: “Eraõ tres os coches, a que nestes paizes chamaõ — **Berlinas** — em que vão quatro pessoas com muyto bom commo-do; . . .”.

sugerida pelos autores do DEI. Segundo êles, a expressão italiana **portare in berlina** “escarnecer, zombar” procede de um costume medieval, segundo o qual os condenados eram conduzidos em **carros** pelas ruas, expostos, assim, ao escárnio e às zombarias do povo. Admitem os aludidos autores que na expressão **portare in berlina** teria havido contaminação de **berlina** “escárnio, zombaria” (palavra proveniente do antigo alto alemão **bretling**) em **berlina** “carro, berlinda”.

Para Corominas, **I. c.**, na expressão espanhola **poner en berlina** “por em ridículo”, a qual se documenta em 1820, **berlina** é o italiano **berlina** “escárnio, zombaria”. Na sua opinião, êste vocábulo italiano deriva, não do longobardo ***bretling**, mas sim do médio alto alemão **bretlîn** (em alemão moderno **Brettlein**), diminutivo de **Brett** “táboa, prancha”.

Por desconhecermos as datas da primeira ocorrência destas expressões no nosso idioma, não nos abalçamos a decidir da sua origem imediata. De qualquer maneira, **estar na berlinda, por na berlinda**, etc., não nos parecem criações portuguesas; possivelmente, constituirão elas simples adaptações daquelas expressões estrangeiras (italiana ou espanhola), que lhes são perfeitamente equivalentes.

Rio de Janeiro, julho de 1955.